ARTE E CULTURA DA DANÇA DE SALÃO | ED. 1 | N. 4 | DEZ 2023

dançar a dois



Especial Zouk Brasileiro

DANÇA COMO PROFISSÃO

Bastidores dos **relacionamentos**

DJs: criadores de memórias e afetos

Profissões que dão vida aos eventos

▶ EXPEDIENTE

dançar a dois

Projeto gráfico-editorial
Mileni Francisco

Apuração, redação e edição
Mileni Francisco

Diagramação
Mileni Francisco

Orientação e revisão
Ildo Francisco Golfetto



FOTO DE CAPA: LÉO SILVA, EDITADA EM IA

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso, do bacharelado de Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado e editado pela acadêmica Mileni Francisco, sob orientação do Prof. Dr. Ildo Francisco Golfetto, no segundo semestre de 2023.
Seu caráter é experimental, sem fins lucrativos e puramente acadêmico. Seu conteúdo e suas opiniões são de inteira responsabilidade da acadêmica, isentando assim a UFSC e o docente de qualquer responsabilidade legal por essa publicação.
Esta revista não pode ser reproduzida, parcial ou integralmente, por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, etc.), sem a devida autorização da autora. Não pode ser usado comercialmente, sob pena prevista na Lei nº 9.610/98, que regula os direitos autorais.

▶ CARTA AO LEITOR



Rodinha de aniversário de Mileni Francisco no *Casarão da Dança*, 2023

CRÉDITO: BEATRIZ REIS

Na quarta edição vamos conhecer as carreiras que orbitam o ecossistema do Zouk Brasileiro, falando da dança como profissão. Se engana quem acha que apenas professores e artistas vivem dessa carreira. DJs, cantores, designers, fotógrafos, *filmmakers* e empreendedores são algumas das outras profissões que fazem a dança de salão pulsar.

Apesar dos desafios, viver da arte pode trazer muitas recompensas. Para além da pista, cada figura exerce um papel fundamental para construir a comunidade zoukeira. Espero que nesta edição seja possível ampliar a visibilidade de todos aqueles que criam experiências memoráveis aos dançarinos. Movimentemo-nos!

Ouça
a *playlist* de
Zouk Brasileiro



SUMÁRIO

08

Lados do ofício



Valor do artista 19

Arte de ensinar 21

Dicas para professores 24

26

Bastidores dos relacionamentos do salão



Parcerias do mesmo sexo 29

Parceria de dança e de vida 32

Dicas para se relacionar com um(a) dançarino(a) 37

39

DJs: criadores de memórias e afetos na pista



Trabalho de DJ 44

Lados da profissão 47

Dicas para atuar como DJ 50

52

Do palco à pista

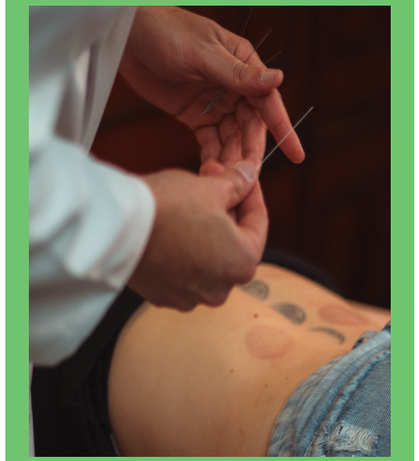


Composição e produção musical 55

Dicas para atuar como cantor 56

58

Registro da dança: profissões que dão vida aos eventos



Arte em produtos 60

Arte em movimento 63

Dicas referentes ao design e a fotografia 67

69

Escolas de dança: gestão e cena local



Plano de carreira e remuneração 74

Dança como profissão



CRÉDITO: SABRINA STAHELIN

Luanna Rodrigues e Jotta no Zouk Hour, 2022

Lados do ofício

A realidade de ser profissional da dança de salão no Brasil

— Você não tem noção, né, do que você faz por essas pessoas aqui?!

— Não, eu ensino as pessoas a dançar. Não tô entendendo, onde você quer chegar?

— Olha, tem gente aqui que saiu de um relacionamento abusivo e tá tentando se reencontrar, tem gente aqui porque foi indicação do terapeuta, tem gente aqui que tá para melhorar a relação de casal, tem gente aqui que acabou de se mudar para Brasília e não consegue fazer amizade com ninguém e tá encontrando na dança uma forma de socialização.

A resposta da aluna deixou a professora de dança Carol Dumay, 33 (DF), em estado de choque, porque, para ela, seu trabalho era apenas ensinar as pessoas a dançar. Quando contou sobre o diálogo para o parceiro e também marido, Vini Mesquita, 35 (DF), o silêncio pairou durante a viagem de carro até chegar em casa. "Depois disso a gente nunca mais voltou pra sala de aula com a mesma percepção de que está ali para ensinar as pessoas exclusivamente a dançar. Começou a ter um significado diferente, o 'ser professor de dança' começou a ter um significado diferente pra gente, passou a fazer mais sentido estar em sala de aula", recorda Carol, que largou o escritório de Arquitetura para se dedicar apenas à dança de salão.

Baile do Zouk Lovers, 2023



CRÉDITO: LÉO SILVA

Ser profissional de dança à dois vai muito além do conhecimento de técnica, musicalidade, passos, didática, metodologias de aprendizagem, processos coreográfico e de improviso. Significa também ter um amor tão grande e genuíno pela arte que transborda e transforma a vida dos alunos. Para além da diversão, trabalhar com dança requer disciplina, dedicação e estudos constantes. Demanda agilidade e adaptação para diferentes corpos, ambientes, estilos e músicas, assim como explora a criatividade, tanto para o palco quanto para o social. Os artistas abdicam de finais de semana e momentos em família para impactar outras pessoas por meio da sua arte, assim como levam o corpo ao extremo, dorme e se alimentam mal durante os eventos. Felipe Lira, 28 (SP) conta que está tão acostumado com toda correria da vida artística que "é assustador acordar e saber que eu não tenho que dar aula, que não tenho que fazer show é uma coisa assim muito estranha, meu sistema não sabe reconhecer isso, meu corpo não sabe estar em silêncio".

O mercado de trabalho dessa profissão exige que seja um artista completo: dê aula, seja coreógrafo, faça apresentações, saiba improvisar, interaja no meio social e seja, mais recentemente, *influencer*. Por questões de paixão e/ou de sobrevivência, precisam saber outras danças ou trabalhar em outras áreas. Muitos professores se lançam no mercado internacional em busca de mais oportunidades e de valorização financeira. Ou ainda, abrem uma escola,

vendem cursos, se dedicam às aulas particulares, enfim, o que for possível para se sustentar. Contudo, o caminho até a estabilidade financeira passa por trabalhar de graça, investir na carreira, fazer muitas aulas, participar de formação para professores, se fazer visto, participar de competições, etc. Mesmo aqueles que possuem reconhecimento internacional e anos de carreira precisam continuar provando seu valor.

Há quem pergunte se professores de dança trabalham ou se divertem. A resposta vai variar para cada artista, mas é possível fazer ambos, levar a ocupação com profissionalismo e se divertir. Uma das alegrias desta profissão é criar laços e conexões com pessoas do mundo inteiro, com outros profissionais, alunos e demais dançarinos. No final das contas, todos compartilham a mesma paixão pela arte. “Eu costumo dizer que a dança e o ser professora é tudo que eu tenho e tudo que eu sou”, afirma a professora Milena Fernandes, 26 (AM).

Bruna Peçanha, 22 (RJ), fazia balé e acompanhava sua mãe nos ensaios da companhia, apenas observando, já que não gostava de Zouk Brasileiro. Um dia precisaram de alguém para substituir Irla Carina, 32 (MA), na coreografia e após muita insistência, Bruna cedeu e desde então nunca mais parou de dançar a dois – decidiu que isso seria sua vida também. Nem todo profissional tem suporte familiar, emocional ou financeiro, podendo tornar essa relação desgastante. Contudo, o apoio pode vir também através das conexões da dança, pois os profissionais viajam com frequência e, devido a convivência, criam laços fortes entre si, criando um outro tipo de “família”. “Encontramos dentro dessa carreira e dentro

“Eu costumo dizer que a dança e o ser professora é tudo que eu tenho e tudo que eu sou”.

Milena Fernandes



CRÉDITO: LÉO SILVA

Aula de Aline Cleto e Rafael Soares no Zouk Lovers, 2023



dessa rotina, ferramentas para manter esse senso de família, essa união, esse respeito que é dar suporte para o outro", compartilha Felipe Lira.

Rotina é algo que muda na vida de um professor de dança, pois cada dia e cada semana podem ser completamente diferentes. Porém, os estudos e treinos são itens fixos na agenda. Os cuidados com o corpo também fazem parte do cotidiano do profissional da dança, através de academia de ginástica, prática de alongamentos ou outras atividades físicas. "É importante quando você tem uma carreira internacional entender que você é a sua principal ferramenta", aponta a artista Paloma Alves, 36 (SP). Os profissionais se preocupam e cuidam para não se lesionar, já que isso implica ficar sem trabalho e, consequentemente, sem dinheiro.

Quanto à imagem, como toda figura pública, o profissional deve pensar em qual imagem quer construir e observar suas faltas e excessos. Deve-se observar também que todo comportamento de um artista é observado, sobretudo na forma como se relaciona com as pessoas. Existem expectativas sobre professores/as, pois são vistos como ídolos e há quem sonhe em dançar com eles/as, motivo pelo qual se formam filas em bailes. O artista Marck Silva, 25 (PE), recorda quando dançou apenas abraçado por várias músicas com uma mulher, sem muitas movimentações. Em seguida, ela falou que se sentiu

Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA





"Encontramos dentro dessa carreira e dentro dessa rotina, ferramentas para manter esse senso de família, essa união, esse respeito que é dar suporte para o outro".

Felipe Lira

muito incapaz, já que ele não dançou como dançava em vídeos com Melyssa Tamada, sua parceira. Marck respondeu que o abraço estava tão incrível que não sentiu necessidade de fazer outra coisa e que a frustração se deu por expectativas dela. Nenhum profissional trabalha para suprir os desejos e fantasias de ninguém. "Às vezes as pessoas colocam a pressão em cima de mim, mas ao mesmo tempo, ela colocou uma pressão em cima dela por não se sentir capaz só porque eu não fiz o que eu faço com a Mel, sabe?".

Apesar das exigências externas, por um alto nível de profissionalismo, sem erros e dança "limpa|, as maiores cobranças vêm do próprio artista. O profissional passa pela síndrome do impostor, quando acha que não é bom ou que não tem conhecimento o suficiente, boicotando seu sucesso. Quando começam a dar aula, passam por muitos questionamentos, se a didática está boa ou se os alunos estão compreendendo. Afinal, nem sempre um bom dançarino/a é um bom professor/a.

"Quando você viaja acaba entendendo que as pessoas que realmente tem um destaque, não necessariamente, são de um determinado local, mas são pessoas que estão sempre buscando conhecimento".

Cloves Mascarenhas

Paloma, quando iniciou sua trajetória pelas danças a dois, conta que às vezes, nem se comparava por acreditar que não existia motivo para comparação já que as outras pessoas estavam muito acima dela. Há também uma ideia de competição entre os profissionais por espaço no mercado de trabalho. Por mais que exista concorrência, a comunidade perde quando se incentiva esse tipo de competição.

Existe ainda as comparações geográficas, em que profissionais comparam seu talento com os do Rio de Janeiro e os de São Paulo, achando que não são tão bons quanto eles. "Quando você viaja acaba entendendo que as pessoas que realmente tem um destaque, não necessariamente, são de um determinado local, mas são pessoas que estão sempre buscando conhecimento", conclui o professor de dança de salão, Cloves Mascarenhas, 31 (BA). Ninguém poderia prever que passaria meses sem trabalhar por conta da pandemia da *Covid-19*. O medo de ficar doente não foi a única coisa que assombrou os artistas, pois ficar sem a dança social significava a ausência dos momentos de diversão, além da luta para

Demonstração de Isa Vidal e Raú Ferreira do Zouk Unity, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA





Baile do Zouk Unity, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA



se manter financeiramente. Aos poucos, os profissionais tentaram se reinventar, migraram as aulas para o ambiente remoto, desenvolveram cursos online e produziram conteúdos diversos. A professora de dança de salão Tracy Nathalia, 34 (PE) lembra que os bailes virtuais e *lives* – que eram encerrados por conta dos direitos autorais –, tentavam imitar a realidade antes da pandemia, mas não era a mesma coisa. Quem continuou trabalhando, sentiu o peso de promover diversão e leveza, em meio a um período tão triste.

Pela saudade ou pela necessidade, houve também os eventos clandestinos, que dividiam a opinião entre apoiadores e contrários ao isolamento. Em meio a situação política conturbada, muitos profissionais tiveram sua imagem profissional afetada por compactuar ou não com a ilegalidade.

Nem todos os profissionais conseguiram se manter estáveis financeiramente durante a pandemia, recorrendo a empréstimos bancários, pedidos de dinheiro à família e amigos e outros tipos de ajuda. Carol e Vini, por exemplo, tiveram alunos que continuaram pagando a mensalidade da academia, mesmo sem fazer as aulas, apenas para ajudá-los.



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Valor do artista

A inexistência de regulamentação e a precarização das relações de trabalho impactam no reconhecimento dos artistas. Aqueles que se dedicam às danças a dois investem tempo e dinheiro em aulas, congressos, cursos e viagens para garantir a sua formação. O valor investido se torna ainda maior para quem vive em regiões afastadas da região sudeste. Lívia Paixão, 33 (PA), perdeu uma oportunidade para dar aula em um congresso no Rio de Janeiro, porque não conseguiria arcar com os custos da viagem. No evento, ela e o ex-parceiro, Lorran D'Rodrigues, seriam os únicos a representar a região Norte, "não é fácil viver da dança", afirma.

No início da carreira, os profissionais costumam trabalhar de graça para ganhar visibilidade. Não raro, conciliam a vida de artista com alguma outra ocupação. Professores garantem sua renda por meio de aulas em escolas, aulas particulares e workshops em eventos. Contudo, há lugares e eventos que não pagam. As apresentações de coreografia costumam trazer mais visibilidade do que retorno financeiro, mas há quem pague por elas.

Ao ser contratado/a para um evento, em um plano ideal, o/a profissional não deveria ter nenhum custo para trabalhar e ainda receber por isso. Porém, na prática, depende do que foi acordado entre as partes, já que os custos para contratação de um profissional envolvem: cachê, transporte, hospedagem e alimentação. Em busca de mais oportunidades, profissionais

que a sua mu**dança** seja sempre por você!

projetam sua carreira de forma internacional e realizam turnês. Longe do pressuposto que são viagens de glamour, a realidade é bem diferente. Dormem na casa do contratante ou em um quarto com mais professores, não têm uma boa alimentação ou tempo para passear. Ao ingressar no meio artístico, é preciso ter consciência de que se trata de uma carreira sem muita projeção ou estabilidade financeira. “Viver da dança é escolher a dança”, garante o professor de danças de salão, Alex de Carvalho, 46 (RJ).



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Arte de ensinar

Dançar pode ser uma ferramenta terapêutica, então existem muitas responsabilidades envolvidas. É preciso ter clareza do porquê se almeja a vida de professor, sendo algo fundamental para trabalhar de forma mais consciente e para traçar objetivos a longo prazo. “Sou professora e vou continuar sendo porque eu amo compartilhar. Dedico tanto da minha vida para algo que amo muito, eu amo muito dançar e amo continuar aprendendo”, justifica Paloma.

O processo de preparação de uma aula de dança a dois envolve construir um plano, que sai do macro para o micro de forma que contribua para aumentar o conhecimento do aluno. O professor se esforça para encontrar as melhores maneiras de fazer e explicar o como, o quando e o porquê. Para as pessoas que aprendem de forma visual, mostram a movimentação, aos auditivos, fazem explicações técnicas e descritivas e para os cinestésicos, fazem a pessoa sentir o movimento fisicamente. Desenvolvem também sua didática para se adaptar a diferentes idades, níveis e corpos de seus alunos. Quanto à estrutura, aulas de danças sociais costumam começar com alongamento e/ou aquecimento individual. Depois que a proposta da aula é apresentada, os alunos reproduzem a movimentação ou o conceito, de forma separada ou conjunta. Inicialmente, aprendem a executar o passo e depois, praticam na música. Nem toda aula busca focar em passos ou sequências de movimentos, algumas podem explorar a criatividade dos alunos ou conhecimentos mais técnicos e teóricos.

“Sou professora e vou continuar sendo porque eu amo compartilhar. Dedico tanto da minha vida para algo que amo muito, eu amo muito dançar e amo continuar aprendendo”.

Paloma Alves

Aulas em escolas, particulares e de congresso são bem diferentes entre si. É comum que os profissionais iniciem suas trajetórias empregados por escolas, mas sonham com o convite para trabalhar em congressos. Camila Magalhães, 27 (RS), conta que há uma clássica frase de que “congresso informa e a sala de aula forma”, ou seja, que toda a formação de estrutura e de repertório vem da construção das aulas em escolas de dança.

Aula em escolas

Acontecem em grupo, normalmente em uma escola de dança, com duração média de uma hora. O aluno faz a aula de acordo com seu nível e conforme a disponibilidade, faz mais de uma aula na semana. Como acontecem em grupo, há mais interação social, os alunos ampliam suas amizades e tem a oportunidade de se adaptar e aprender com diferentes pessoas. Os professores se dividem entre todos os alunos e o andamento das aulas variam conforme o desenvolvimento da maioria.

Aula particular

Costumam acontecer de forma individual ou em dupla, em que há dedicação exclusiva do profissional pelo tempo que foi acordado. Podem ser feitas em escolas de dança, na casa dos profissionais, em espaços livres, durante congressos ou onde for possível. Na aula, o aluno pode pedir por alguma movimentação específica ou o professor sugere o que precisa

Aula de congresso

Um professor ou casal de professores dá aula para um grande número de pessoas, então precisam prender a atenção de muitos. Possuem temas pré-definidos e são para níveis variados. Costuma ter bastante trocas entre os alunos e ensinam alguma movimentação ou conceito. A maior vantagem se dá pela oportunidade de aprender com diferentes fontes, enriquecendo o conhecimento e ampliando a visão de um mesmo assunto. A diversidade de visões e de didática entre os profissionais ajuda o aluno a crescer ao aplicar o que melhor funciona em seu corpo.





Cada formato de aula exige que o profissional se adapte a proposta e lide com o cansaço físico e mental. Apesar de todas as cobranças – internas e externas –, professores são apaixonados pelo que fazem. Não é à toa que nunca deixam de treinar, estudar e praticar. “Se você dança qualquer dança, não existe um final. Acho que o caminho é para sempre, você tem sempre alguma coisa para aprender quando é professor”, acredita a dupla Val e Vanessa, ambos do Rio de Janeiro. Paloma Alves compartilha que ser profissional da dança a ensinou a se relacionar melhor consigo, com o outro e a auxiliar outras pessoas a terem um melhor relacionamento consigo mesmo.

Ser professor/a se trata de uma grande responsabilidade sob o corpo de outra pessoa. De forma geral, o que mais os deixa orgulhosos, além de suas conquistas profissionais, é acompanhar a evolução dos alunos e reconhecer que foram eles os responsáveis por esse desenvolvimento. Tracy conta que fica assistindo seus alunos e se sente muito orgulhosa ao vê-los conseguindo se entregar e fazer as movimentações. “Eu fico toda besta vendo eles se permitindo, experimentando outras coisas. É muito legal você ver como eles chegam na sua aula e como saem, é muito bom.

Dicas para professores

- Tenha clareza do porquê você é ou quer ser professor/a, saiba quais são os seus objetivos com essa profissão;

- Capacite-se, faça aulas, frequente cursos, participe de congressos, esteja sempre aberto/a a aprender;

- Busque aprender de várias fontes e se possível, tenha um mentor/a para ajudar a construir sua jornada;

- Escolha uma parceria que esteja alinhada com seus objetivos profissionais e caso escolha trabalhar solo, abrace seus objetivos;

- Desenvolva a sua metodologia ou filosofia de ensino;

- Conheça ferramentas para ajudar a se comunicar melhor;

- Saiba que não está imune aos erros, você vai cometê-los, apenas esteja atento/a para como você lida com eles;

- Estude finanças e organize sua vida financeira em busca de maior estabilidade a longo prazo;

- Pesquise e estude sobre marketing e estratégias para redes sociais para ajudar a vender seu trabalho;

- Faça-se presente nas redes sociais;

- Faça boas fotografias e vídeos profissionais, tenha um Mídia Kit;

- Não tenha medo de buscar e aceitar oportunidades;

- Experimente outras danças, todo tipo de vivência corporal pode ajudar;

- Tente não se cobrar demais ou se comparar com outros profissionais, cada um tem a sua história;

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

Para uma boa aula

- Não se atrase;

- Prepare suas aulas com antecedência;

- Se coloque no lugar do aluno e reflita sobre como gostaria de ser tratado;

- Além de estudar a técnica, a musicalidade e os passos, estude sobre didática, oratória e metodologias de ensino;

- Aprenda a observar e entender para conhecer melhor seus alunos;

- Busque fazer aulas divertidas, as pessoas também estão ali para relaxar e se sentir bem;

- Não espere que seus alunos sejam profissionais, tenha paciência e respeite o processo deles;

- Se os alunos não estão acompanhando ou tendo muita dificuldade, mude os planos e se adapte a necessidade dos alunos;

- Respeite seus limites e dos alunos.

Bastidores dos relacionamentos do salão

Limiares entre parcerias de dança e de vida

Uma parceria de dança de salão pode ser comparada a um casamento. A dupla trabalha para construir a vida que almejam, estando junto nos piores e melhores momentos, servindo de amparo emocional para o outro e colaborando para alcançar seus objetivos. Convivem de maneira intensa, compartilham suas vulnerabilidades e seus segredos, viajam juntos e dividem os lucros. "É um casamento muito mais complexo, porque lida com dinheiro e com resultado. O casamento vai para o lugar do amor, na parceria a gente vai para o lado do resultado", explica a professora de dança de salão, Carol Correa, 29 (RJ).



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

A felicidade vem das ondas do Zouk Brasileiro

Em muitos casos, além de parceiros de dança, também são parceiros de vida. Assim como em quaisquer relacionamentos, os objetivos comuns a longo prazo servem como guia para começar ou terminar uma parceria. Quando o propósito muda, o relacionamento acaba.

Parcerias surgem de diversas formas, mas costumam partir de pessoas que gostam de dançar juntas, iniciando uma união de forma despretensiosa ou intencional. Depois de tornar oficial, os profissionais estudam e treinam para desenvolver sua dança e alguns a própria metodologia de ensino. Às vezes, este se torna o primeiro desafio do casal, de tornar diferentes visões em uma só. Tracy Nathalia, 34 (PE), e Cloves Mascarenhas, 31 (BA), por exemplo, tiveram que juntar suas experiências dando aulas sozinhos em suas cidades para desenvolver uma única metodologia.

Para Tracy, uma das partes boas dessa relação profissional é compartilhar vitórias. "A gente sabe o quanto a gente luta, que passa dificuldades. Então quando a gente vai vendo as conquistas acontecendo é muito bom ter alguém que entende, que divide e que tá ali ao lado da gente, né?" Além de estar presente nos bons momentos, ter um parceiro/a de dança também significa dividir as incertezas e as frustrações da profissão, a instabilidade financeira e a saudade de casa. Melyssa Tamada, 22 (SP), lembra que desde a primeira viagem e a primeira turnê, ela e o parceiro Marck Silva, 25 (PE), serviam de suporte um para o outro. Mas, nem

"Você só tem um ao outro, sabe? Então o seu parceiro a sua parceira é o único. Às vezes é o único tipo de sentimento de casa que você tem, de aconchego",

sempre é possível equilibrar todas as emoções e as dificuldades. Nesse tipo de relação, costuma acontecer uma mistura de papéis. Há momentos em que uma pessoa conversa com a outra como parceiro/a, mas o outro responde como amigo ou namorado. Logo, essa "mistura de papéis" pode desencadear em falhas na comunicação. Por esse motivo, exercer uma escuta ativa e agir com respeito se tornam tão fundamentais para o sucesso dessa relação profissional. Contudo, nem todas as parcerias são saudáveis, sejam também amorosas ou não. A reportagem sobre machismo e assédio na dança, mostra como as relações podem ser bem problemáticas.



Parcerias do mesmo sexo

Estar em uma parceria com duas pessoas do mesmo sexo implica em desafiar esteriótipos de gênero. Além da visibilidade LGBTQIAPN+, um trabalho entre duas mulheres ou entre dois homens , trata-se de mostrar que a dança vai além dos papéis de gênero tradicionais. Demonstra que há igualdade de habilidade tanto ao liderar quanto no seguir, empoderando ambos os profissionais e inspirando outros dançarinos.

Por mais que esse tipo de parceria aumente a riqueza e a diversidade de possibilidades dessa forma de arte, conseguir trabalho não é fácil. Devido ao preconceito, precisam provar, constantemente, suas qualidades profissionais e artísticas. A professora de Zouk e Lambada, Martha Royer, 31 (RS), que já trabalhou com parceiros homens e mulheres, lembra de quando fechou parceria para um evento com um homem por estar treinando com ele, mas acha improvável que o convite viesse se sua parceria fosse com uma mulher. "Será que eu ia ser chamada para dar aula? Provavelmente não, infelizmente. Então isso bota o teu valor como profissional, né? Ah, então quer dizer que ele dança melhor só porque ele é homem?"

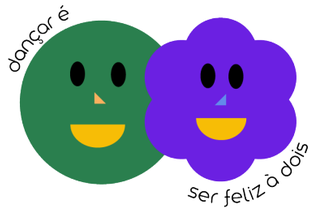
Ainda que mulheres tenham mais experiência, tanto de dança como de sala de aula, as pessoas não dão o mesmo valor quando se trata de duas pessoas do mesmo sexo. É evidente que predominam casais de sexos diferentes nos congressos. A artista Camila Magalhães, 27 (RS), comenta sobre a disparidade entre trabalhar com



William Wegert, 24 (EUA), – homem, estadunidense, branco, hétero, cisgênero, de olhos e cabelos claros –, e com Kamylla Chagas, 25 (RS) – mulher, brasileira, preta, lésbica, cisgênero, de olhos e cabelos escuros –, pois foi "aí eu tive a visão do contraste, foi aí que percebi o quanto eu sozinha era preterida e o quanto eu com a Kamylla era mais ainda".

O professor Diego Basílio, 23 (SP), aponta que ainda há muita discriminação, em que preconceituosos manifestam sua aversão em comentários de vídeos. Apesar das expressões de ódio, ele e o parceiro Kevin Oliveira, 27 (SP) se sentem abraçados pela maioria das pessoas, pelo incentivo que recebem. "A gente só quer mostrar um bom trabalho e quando a gente faz um bom trabalho, com muito amor, com muito carinho, as pessoas meio que são obrigadas a abraçar porque elas sentem até intimidadas de achar aquilo estranho".

A existência de parcerias do mesmo sexo na dança de salão reflete os avanços da sociedade. Romper com a ideia de que dançar a dois se restringe a duplas heterossexuais, abre portas para que a comunidade receba cada vez mais pessoas. Artistas em parcerias não heteronormativas seguem lutando para conquistar seu espaço dentro da cena de Zouk Brasileiro, pois seu trabalho reforça que a dança é para todos, que os dançarinos podem sim ser acolhidos e aceitos pela forma que são e de se expressam.







Parceria de dança e de vida

Independente se há um relacionamento ou não, é raro uma dupla de profissionais que não tenha ouvido a pergunta: "– Vocês namoram?". O questionamento se dá porque as pessoas notam todo o carinho e conexão do casal. Em muitos casos, são, de fato, namorados ou casados, pois não é incomum que dançarinos, e principalmente os artistas, tenham relações amorosas entre si. Para a professora Aline Cleto, 34 (SP), quando um dançarino/a conhece os próprios limites e se sente bem e seguro/a dentro da dança, a atração sexual pode aparecer. Logo, ninguém está imune de sentir desejo sexual quando dança com uma determinada pessoa.

Assim como em qualquer outro lugar, se envolver com pessoas do mesmo meio social possui vantagens e desvantagens.

"Tentei escapar muito de me relacionar com pessoas da dança quando entrei, porque achava que não tinha maturidade suficiente caso o relacionamento desse errado e ter que encontrar aquela pessoa toda semana",

compartilha a professora Carol Dumay, 33 (DF). Depois de muito fugir, começou a namorar Vini Mesquita, 35 (DF), com quem hoje tem uma parceria e um relacionamento de mais de dez anos.

Estar em um relacionamento ao mesmo tempo de uma parceria significa ter uma conexão além da pista. Ao trabalhar em equipe, a relação costuma ser baseada na comunicação, inclusive a não verbal, em que um simples movimento, toque ou olhar pode dizer muito. Envolve sentir e perceber o corpo do outro, compreendendo que nem sempre ambos vão estar bem e que o cuidado precisa ser mútuo.

Os casais vivem na dança divertidas e emocionantes aventuras ao viajar, competir e se apresentar. A artista Laura Dalava, 23 (SP), queria construir algo com alguém, mas achava que seria difícil encontrar uma relação de parceria de dança e de namoro, ainda mais se a pessoa não fosse do meio artístico. **"Nosso relacionamento foi a melhor coisa que aconteceu. A gente tem alinhado tanto o namoro quanto a profissão, somos amigas no trabalho, amigas no relacionamento, então tudo tem aquele balanço. A gente está sempre presente uma para a outra, está sempre tendo uma conexão em todas as áreas da nossa vida, sabe?"**, compartilha Laura sobre seu relacionamento com Rachel Ramalho, 34 (RJ). Ela ainda comenta que conseguem construir uma vida juntas ao mesmo tempo em que não deixam de ter uma vida trabalhando e viajando para muitos lugares.

Como passam muito tempo trabalhando juntos, podem não dedicar um tempo para o namoro. Por mais que estejam no mesmo lugar, não significa que estão tendo um momento como casal, com tempo de qualidade. "Às vezes o artista vive tanto da arte dele que esquece que é um ser humano antes de ser artista", atesta Milena Fernandes, 26 (AM), professora de dança. Quando o casal



Sunset do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: BEATRIZ REIS

está trabalhando, dificilmente desfrutam a companhia um do outro de fato. Como as danças sociais proporcionam contato mais próximo entre as pessoas, é comum que alguém que namora se sinta insegura ou com ciúmes ao ver outro/a trocando energia com seu cônjuge. "No momento que você vai se relacionar com uma pessoa da dança é muito importante você entender como essa pessoa se relaciona com a dança dela", recomenda a professora de Zouk Brasileiro, Paloma Alves, 36 (SP). Para proporcionar segurança dentro de um relacionamento monogâmico, verbalizar como a pessoa gosta de se expressar na dança e dialogar sobre o que tem dificuldade de lidar ao ver o namorado/a dançando com outra pessoa, pode ajudar a evitar problemas futuros. Quando os limites e as necessidades de cada um estão claros dentro do relacionamento, nada precisa ser escondido.

Quando se trata de um relacionamento em que uma das pessoas não é da dança, pois quem não dança pode ficar enciumado/a com tanta proximidade com alguém. Ou ainda, pode ter dificuldade de entender que o profissional precisa estar em um baile, ainda que não esteja trabalhando oficialmente. Significa também disputar o tempo de finais de semana e feriados com os congressos. "A pessoa tem que ter muita paciência porque você vai estar sempre em horários contrários, então é praticamente impossível você ter um fim de semana maneiro para fazer alguma coisa [com o namorado/a]", pondera Carol Correa. O fato da pessoa não dançar, exige muita compreensão e respeito pela profissão ou pelo hobby alheio. Para fugir de desentendimentos, muitos saem da dança ou terminam o relacionamento. Há ainda aqueles que preferem ter um relacionamento aberto. No caso de dançarinos, muitos preferem se relacionar com quem já é do meio para evitar problemas, pois é preciso maturidade. Por essa razão, Vini Mesquita recomenda estudar Comunicação Não Violenta para que o dançarino consiga falar como se sente e também ouvir a outra pessoa de forma a garantir um diálogo saudável.

Entretanto, nenhum relacionamento monogâmico, está imune à traição. No contexto da dança, alguns preferem trair, mas a causa são as pessoas, não a dança. "Acho que primeiro a dança precisa ser

"No momento que você vai se relacionar com uma pessoa da dança é muito importante você entender como essa pessoa se relaciona com a dança dela".

Paloma Alves

respeitada enquanto dança. A partir desse primeiro respeito, começar a respeitar a forma como eu me relaciono com as outras pessoas e eu me relaciono com o meio", defende Paloma.

Terminar uma relação pode ser difícil, já que há chances de continuar encontrando o antigo parceiro. Observar como se sente dentro do relacionamento e priorizar o próprio bem-estar deve vir em primeiro lugar. É preciso também se manter alerta aos sinais de abuso, de tortura psicológica, assédio verbal ou de qualquer coisa que gere desconforto. Se precisar de ajuda, converse com algum amigo, busque ajuda psicológica e/ou acione os órgãos mais indicados.

"Acho que primeiro a dança precisa ser respeitada enquanto dança. A partir desse primeiro respeito, começar a respeitar a forma como eu me relaciono com as outras pessoas e eu me relaciono com o meio".

Paloma Alves



Baile do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA

Dicas para se relacionar com um(a) dançarino(a)

Respeite a individualidade

- Não proíba ou limite a pessoa de dançar ou de se entregar a uma dança;
- Identifique aquilo que consegue e o que não consegue abrir mão dentro do relacionamento;
- Seja paciente e flexível com as vontades do outro.
- Respeite os interesses individuais da outra pessoa. Se possível, experimente fazer também o que faz o outro feliz.
- Seja empático/a com os sentimentos do outro, faça o exercício de se imaginar no lugar da outra pessoa para ver como reagiria àquela situação

Estabeleça uma boa comunicação:

- Faça acordos, deixe claro seus limites e o que considera inegociável;
- Comunique desconfortos e dialogue de forma saudável;
- Estude Comunicação Não Violenta, pode ajudar a falar o que sente.

Conheça seu ciúme:

- Entenda como você se relaciona dentro de uma dança;
- Saiba como você lida com ciúmes, o que tolera e o que não tolera, tenha uma conversa franca sobre o assunto
- Identifique o que incomoda ao ver seu parceiro dançando com outra pessoa

Equilibre a vida pessoal e a dança:

- Estabeleça limites entre a relação amorosa e como dançarinos;
- Saiba quais valores considera importantes dentro de um relacionamento;
- Separe momentos para viver como casal e aproveitar como dançarino/a;
- Busque apoiar a outra pessoa, aceite os erros e comemore os acertos;

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

DJs: criadores de memórias e afetos na pista de dança

Nos eventos, são eles os responsáveis pelo clima e pela motivação para dançar

Durante os bailes, cada música tocada ressoa nas pessoas de forma diferente. Ajustar o ritmo e a intensidade das melodias significa criar uma narrativa para a festa, garantindo diversão e motivação para dançar. A figura do *Disc Jockey*, ou *DJ*, é quem orquestra emoções de dançarinos e produz experiências sensoriais na pista. Sobre esses profissionais recai a responsabilidade do sucesso (ou não) de um evento.

As atribuições de um *DJ* podem ser compreendidas por uma tríade de papéis: o **técnico**, o **artístico** e o **sensitivo**. Tecnicamente, a principal tarefa de um *DJ* é selecionar as músicas que serão tocadas. Esse compromisso envolve ter um bom repertório musical, conhecendo um vasto número de canções; entender de estrutura e mixagem musical;e também saber usar os aplicativos necessários para a função. Já o papel artístico, se refere a fazer o trabalho bem feito, com uma seleção musical afinada com o tipo de evento, de forma a respeitar os momentos baixos, médios e altos de um baile, por exemplo, transitando entre diferentes velocidades, energias e estilos – buscando agradar o máximo de pessoas. *DJs* que dançam tendem a ser mais bem sucedidos, pois conhecem o que encaixa melhor em cada momento.



Ainda na tríade, o papel sensitivo diz respeito ao sentimento que se quer imprimir nos dançarinos a cada momento. Rafael Fernandes, *DJ* Raffro, 49 (RJ), costuma brincar que profissionais como ele têm a predisposição de ser o mais atento possível, pois "você consegue olhar pra ver que tá acontecendo na pista, não pode ficar enfiado com a cara no computador, tem que estar vendo como é que tá a reação das pessoas". Há uma grande diferença entre simplesmente dançar e dançar porque a música está prazerosa. Por essa razão cabe ao *DJ* observar a receptividade do público em relação às suas escolhas, pois se houver mais pessoas sentadas do que dançando, algo está errado. "Acho que o mais importante é o bom gosto musical para poder agradar o máximo de pessoas possível e fazer a pista estar sempre se movimentando. Isso para mim é o que diferencia o *DJ* de alguém que tá só tocando uma *playlist*", acredita André Costa, *DJ* Dedz, 37 (RS).

A maioria das aulas de dança ocupa-se em preparar os dançarinos para a pista e, por essa razão, os bailes se tornam tão importantes – o que implica em maior responsabilidade dos *DJs*. "Eu abraço mesmo essa responsabilidade, porque sei quanto é significativo estar lá, você pode dar um momento incrível para a pessoa ou pode destruir a noite dela", comenta a *DJ* Paloma Alves, 36 (SP).

O início da trajetória de *DJs* do Zouk Brasileiro é parecido, dançarinos gostavam das músicas que eles escolhiam e pediam para colocar algumas delas em treinos e bailes. Por consequência, acabaram se profissionalizando, escutando diferentes tipos de música como parte da rotina e também

"Você consegue olhar pra ver que tá acontecendo na pista, não pode ficar enfiado com a cara no computador, tem que estar vendo como é que tá a reação das pessoas".

DJ Raffro

produzindo materiais próprios. Nem todo *DJ* é produtor musical, mas a maioria dos produtores musicais também atuam como *DJ*. Enquanto os produtores são especializados na música e criam peças musicais completamente autorais, os *DJs* editam músicas já existentes, dando vida aos remixes.

Juliana Santos, *DJ* Ju Sanper, 31 (SP) compara sua rotina – ou a falta dela –, ao bordão musical do grupo É o Tchan!: "uma mistura do Brasil com o Egito". Para ela, cada dia é diferente. Embora os bailes aconteçam no final de semana, há muito trabalho antes de colocar o fone de ouvido e dar início a mágica na pista. Apesar de certa glamourização, estar sempre viajando para os congressos pode ser bastante cansativo. Luiz, mais conhecido como *DJ* Montini, 27 (PR), conta que viaja cerca de 16 horas de ônibus quase todos os finais de semana e volta para Londrina para trabalhar em seu outro emprego. "É complicadinho, mas acho que tudo fica mais leve porque o Zouk para mim é amor, né? Então isso deixa tudo mais leve, mas não é fácil não", conta.



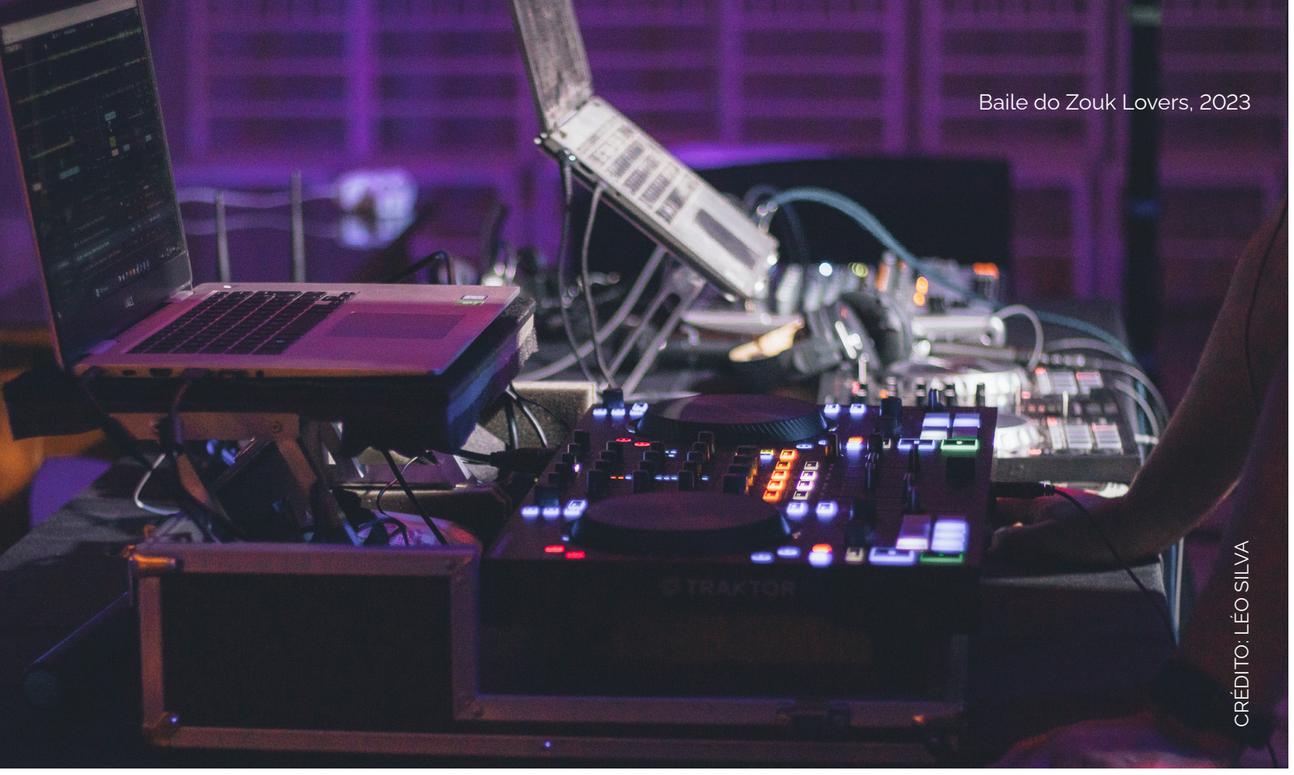
Baile do Zouk Lovers, 2023



CRÉDITO: LÉO SILVA

DJs do Zouk'n Beach, 2022

CRÉDITO: BAILA MUNDO



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Trabalho de DJ

Os/As *DJs* costumam ser os primeiros a chegar na festa, para sentir a proposta do evento e do ambiente. Em bailes, trabalham do início ao fim, já em congressos, fazem parte de um grupo que se divide para tocar em *sets* – conjunto de músicas com duração média de uma a duas horas. Nesses casos, ao ouvir o profissional anterior, buscam entrar com músicas diferentes, em oposição ou em continuidade ao clima do *set* anterior. A organização do evento dificilmente interfere nas escolhas.

No computador, várias pastas organizam os diversos estilos, velocidades e energias. Durante o baile, o/a *DJ* tem o tempo de uma música para escolher a próxima a ser tocada e fazer a mixagem para que não percebam a troca. Dedz explica que, com a mixagem, tenta minimizar a troca de pares, pois se muitas trocas estiverem acontecendo, significa que precisa melhorar a transição. De toda forma, o grande objetivo dos *DJs* é criar uma experiência que desencadeia emoções nos dançarinos. Não necessariamente os afetos

provocados serão positivos, pois podem ser melancólicos, evocando a tristeza, podendo fazer a pessoa chorar.

Há quem acredite que ser *DJ* é apenas escolher umas músicas e "aperta o *play*", entretanto o elemento principal é saber observar a pista. Entregar o que as pessoas precisam pode ser diminuir a velocidade das músicas ao perceber que os dançarinos estão muito ofegantes e cansados, por exemplo. Raffro lembra de quando foi o último a tocar no último dia do *ForZouk 2023*, congresso em Fortaleza (CE), deixou a *vibe* tão tranquila que até o cachorro pastor alemão, que ficou brincando e correndo o congresso todo, dormiu. Ele recorda ainda que, quando as luzes do evento acenderam, as pessoas continuaram abraçadas mesmo depois de acabar a música. "A galera tava precisando daquilo. É mais maneiro quando você entende isso e da mesma maneira as coisas começam a se conectar, a fazer mais sentido", conclui.



Baile do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Para construir uma vivência para os dançarinos, Ju Sanper escolhe músicas marcantes para iniciar e finalizar um baile, para impactar no começo e ficar na memória no final. Em um congresso em Uberlândia, não estava contratada, mas fez uma participação no evento. Por conta disso, muitas pessoas foram até ela comentar que lembram qual foi a primeira música do set que ela tocou. Como a atenção está focada na experiência dos outros, uma das preocupações tende a ser com aqueles que não estão dançando, em tentar descobrir o motivo para estarem parados e então fazê-los dançar. Thiago Frade, *DJ* Thiagão, 39 (RJ), orienta seus alunos a não se preocuparem somente com quem está na pista e, por isso, colocar músicas para agradar todos os gostos.

Lados da profissão

Viver como profissional do mundo artístico demanda uma rotina marcada por viagens e incertezas, algo que pode preocupar as famílias, ainda mais quando ficam muito tempo longe de casa. Ju Sanper lembra quando recebeu uma ligação de sua sobrinha enquanto estava fazendo um trabalho em outro estado. A ligação era para perguntar que horas a tia chegava para comemorar seu aniversário, “isso doeu na minha alma, imagina uma criança entender que a tia que cuida dela desde que ela começou a respirar não ia para o aniversário dela. Doeu bastante”. Para evitar conflitos e não perder eventos familiares, os parentes do *DJ* Montini começaram a marcar na agenda dele os dias em que ele não poderia se ausentar.

“Quando eu passava um valor, ficava com medo da pessoa achar que tá caro, achar que ‘tô metendo o louco’. E com isso a gente “paga para trabalhar”, porque acha que a pessoa vai chorar o desconto, então a gente já passa um valor muito abaixo”.

DJ Ju Sanper



DJs do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

No calendário dos *DJs*, os finais de semana estão sempre comprometidos. Marcelo Eyer, mais conhecido como *DJ* Zen Eyer, 37 (RJ), aponta a importância de estar saudável sendo *DJ*. Pela baixa previsibilidade da profissão e pela ausência de um salário fixo, ele busca se organizar financeiramente para não passar dificuldades. Como não há um preço tabelado entre os profissionais, cada um estipula o seu valor. Ju Sanper compartilha que sua maior dificuldade como *DJ* é a precificação, "quando eu passava um valor, ficava com medo da pessoa achar que tá caro, achar que 'tô metendo o louco'. E com isso a gente "paga para trabalhar", porque acha que a pessoa vai chorar o desconto, então a gente já passa um valor muito abaixo".

Além de realizar um bom trabalho, os profissionais precisam ter uma boa imagem e um bom relacionamento com as pessoas, a fim de conseguir mais convites para atuar. Contudo, nem sempre os contratantes pagam um valor justo, que cubra os custos do cachê, alimentação, hospedagem e transporte. "Viver da dança é uma palavra muito forte, a gente sobrevive, é diferente", ressalta Dedz.

DJs não costumam ser valorizados como artistas. Thiagão explica que há pouco reconhecimento financeiro, porque as pessoas não valorizam o *DJ*, embora seja o profissional que faz as festas acontecerem. Ele acredita que viver do Zouk Brasileiro como professor é difícil, mas como *DJ* é mais complicado ainda. Para ele, esses profissionais trabalham pela paixão mesmo. "Eu vivo o sonho de fazer o Zouk virar uma coisa rentável para os *DJs* de Zouk, meu maior sonho é ver *DJ* que tem uma vida boa tocando o Zouk", reitera.

"Viver da dança é uma palavra muito forte, a gente sobrevive, é diferente".

DJ Dedz

Dedz recorda que ao entrar na dança, foi reconhecido por ser bom em alguma coisa pela primeira vez em sua vida e, desde então, busca proporcionar a melhor experiência que pode para as pessoas. Ju gosta de ver os dançarinos cantando as músicas que ela toca e dever o quanto as pessoas gostam de seu trabalho. No *Zouk in Foco 2022*, em Juiz de Fora (MG), houve um baile que começava às 22 h e terminava às 10 h da manhã e muitas pessoas perguntaram que horas ela iria tocar. Ao descobrir que Ju estaria no último horário, muitos dançarinos foram dormir no meio do baile para voltar a tempo de ouvir e dançar seu set. "Eu comecei a tocar e tava quase metade da galera do congresso dançando", fala com orgulho. Raffro gosta de ver a entrega dos dançarinos, de ver o rosto, as sensações e as conexões de cada pessoa no baile. Montini se sente realizado quando houve que seu set proporcionou a melhor dança da vida de alguém, porque "deixar as pessoas felizes me deixa muito feliz".

Dicas para atuar como *DJ*

Para quem gostaria de ser *DJ*

- Faça aulas ou cursos com *DJs*;

- Escolha um aplicativo específico para *DJs*, e se possível, invista em uma controladora;

- Estude a parte técnica da música, estrutura musical, mixagem, etc.;

- Procure um mentor ou um professor para receber ajuda técnica;

- Conheça a história e a cultura daquela dança e suas músicas características;

- Ouça e pesquise muitas músicas, de diferentes estilos;

- Quando estiver fazendo a transição de uma música para outra, evite mudar completamente a vibe;

- Busque observar e "sentir" o baile para compreender o que as pessoas na pista estão querendo.

Para quem trabalha como *DJ*

- Esteja sempre ouvindo e procurando novas músicas;

- Chegue cedo no baile e ouça os *DJs* que tocam antes de você e construa um set de acordo com o tema do baile;

- Entenda que nem sempre vai poder tocar só o que gosta;

- Toque o que o público gosta e quer ouvir;

- Coloque um pouco de tudo, de diferentes estilos musicais;

- Estude e sempre melhore a mixagem entre as músicas;

- Saiba ler a pista e se adapte rapidamente, entendendo o que o público está precisando a cada momento;

- Saiba o seu valor, cobre um preço justo pelo seu trabalho e recuse os que pagam mal.

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

Tem danças que não saem da mente porque entraram no coração.

@souldozouk

Do palco à pista

A realidade da composição e produção musical brasileira para o Zouk

Alguns dias depois de lançar Quarto Dia **(*DJ* Kay, *Ya malb, Liffe*), o cantor e DJ Kay Carmo, 29 (PA), viu sua música ser adicionada em muitas *playlists* de Zouk Brasileiro. Ele, que nunca tinha ouvido falar em Zouk, pesquisou e, ao descobrir do que se tratava, pensou "acho que encontrei o lugar que vai me ouvir". Nos primeiros dois meses após o lançamento, entrou em mais de mil *playlists* no *Spotify*. A conexão da música à dança aconteceu por uma interação entre sua produtora e o *Zouk Music*. Vini Mesquita, 35 (DF), e Carol Dumay, 33 (DF), publicaram um** vídeo dançando **e no dia seguinte o casal adicionou a música ao canal.**

Ao contrário do paraense, a entrada de Well Assis, 36 (PE), como cantor de músicas para dançar Zouk Brasileiro foi intencional. Well praticava outras danças e aprendeu Zouk ouvindo canções internacionais, já que havia poucas referências brasileiras. Em português, o angolano Anselmo Ralph e o brasileiro Paulo Mac tinham maior visibilidade na época. Compreendendo o mercado de Zouk Brasileiro, enxergou como uma oportunidade para se destacar com sua música. "Quando conheci o Zouk, me apaixonei. Mesmo sabendo cantar outros ritmos, decidi fazer um projeto solo romântico sabendo da escassez do Zouk".

"Quando conheci o Zouk, me apaixonei. Mesmo sabendo cantar outros ritmos, decidi fazer um projeto solo romântico sabendo da escassez do Zouk".

Well Assis

Baile do Zouk Lovers, 2023



CRÉDITO: LÉO SILVA

Para produzir músicas para danças de salão, é preciso entender o que funciona para a pista. O Zouk Brasileiro possui uma marcação quaternária e alguns timbres e marcas de *Groove*, que encaixam melhor no salão e dão origem aquela "batida gostosa" característica. Como o Zouk é uma modalidade de dança e não um estilo musical, pode ser dançado em vários estilos diferentes (Kizomba, Tarraxinha, *Cabolove*, pop, etc., desde de que se mantenha o compasso. É possível dançar até mesmo músicas eruditas, sem a marcação tão evidente. "No Zouk você dança com os sentimentos daquele momento, com aquela pessoa, com aquela troca de energia. Então você pode dançar sem batida", afirma Well.

Pelo trabalho de *DJs* e de produtores musicais, a dança Zouk Brasileiro está se tornando cada vez mais estabelecida, deixando as músicas populares com a sua"cara". Apesar disso, o Zouk ainda é tão conhecido e disseminado para além dos dançarinos. Seu público não costuma ouvir canções em *looping*, pois somente as consomem em *playlists* quando são tocadas em bailes, aulas e treinos.

Well Assis - Brigas

CANAL WELL OFICIALL



DJ KAY - Eu to afim

CANAL KAY



Paulo Mac feat. Dj Kakah - Tentação

CANAL MAK MUSIC OFFICIAL



Anselmo Ralph - Não Me Toca

CANAL KLASSZIK



▶ Curiosidades

Direitos autorais em bailes

Em bailes, os *DJs* tocam produções musicais de vários artistas publicamente, tanto de cantores quanto do que foi produzido por outros *DJs*. Pela Lei de Direitos Autorais (9.610/1998), o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) deveria arrecadar e distribuir uma remuneração aos profissionais, mas na prática isso não acontece, pois é mais comum em grandes casas de show. Por mais que os artistas quisessem receber pela execução de sua música, o que acontece é a divulgação da canção que leva as pessoas até as plataformas digitais, de onde sai a monetização a conta gotas. Para receber do Ecad é preciso estar cadastrado em uma editora e em uma produtora, bem como registrar suas produções na entidade.

No ambiente dos bailes predomina a contratação de *DJs*, já que os eventos de Zouk não são *shows*. Well compartilha que a música é seu meio de sobrevivência, entende o Zouk pelo prazer de dançar e gosta que suas músicas sejam reproduzidas no meio, mas não consegue viver somente disso. Para ganhar notoriedade no meio, as pessoas precisam ver valor no trabalho do artista, quase como construir uma prova social. Kay destaca que precisa entregar muito para receber alguma coisa dentro do Zouk e sugere se preciso "plantar" nos lugares certos para colher os frutos depois.

Apesar dos desafios, Kay descreve como se sente ao ver pessoas dançando sua música. "Na hora que tô no palco, nossa! Até arrepia! Estou contando uma história e cantando ao mesmo tempo. E vocês estão dançando essa história, isso pra mim é mágico. Quando vejo a galera cantando minhas músicas, aí você senta e chora, que é o sonho do artista se tornando realidade."



Baile do Zouk Hour, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA

Composição e produção musical

Para uma música ser tocada no *streaming* ou no baile, ela passa por uma série de etapas. Cada artista tem o seu método único para compor e produzir sua música, ainda que cada um crie em uma ordem diferente, existem elementos comuns ao longo do processo. Pode fazer tudo sozinho ou ter mais envolvidos.

Na composição, tudo começa com uma ideia, seja em forma de letra, de som ou de algo mais abstrato. Não existe uma regra a ser seguida, visto que há quem prefira iniciar pela letra e outros pela melodia, pensando em quais sentimentos aquela música vai gerar no público. É preciso também definir o estilo da composição, já que há instrumentos característicos e a voz de cada estilo. Nessa etapa, pode-se usar programas e aplicativos que criam sons de instrumentos musicais.

Média de valor pago, em dólar, a cada visualização por streaming

Apple Music: US$ 0,00675
Deezer: US$ 0,00562
Google Play: US$ 0,00554
Spotify: US$ 0,00348
YouTube Content ID: US$ 0,00022

Fonte: Valor Investe, Globo SP

Depois de definida a composição, a etapa de gravação dá vida à música, e pode ser feita com todos os elementos juntos ou separados. Na edição, a mixagem mistura canais e cria um equilíbrio de intensidade e altura. Na etapa de masterização, busca-se uma melhor qualidade sonora. Da composição à edição, existem alguns programas que ajudam a facilitar o trabalho do produtor musical.

Quando a música está pronta, na divulgação os profissionais buscam inserir em todas as plataformas de *streaming* nacionais e internacionais, para garantir que chegue a diferentes públicos. Essa etapa exige o planejamento de estratégias de divulgação e pode envolver a até a elaboração de *videoclipe*. O lucro da monetização é diferente em cada plataforma, pois depende do valor médio pago por número de visualizações e do número de *plays* que a música recebeu.

Dicas para quem gosta de cantar

- Se conheça. Entenda qual é o seu tipo de voz, identifique qual emoção quer passar ao cantar e quais histórias quer contar, sobre o que gostaria de escrever/compor as músicas;

- Use suas referências. Busque referências que se aproximam do que almeja ser/ter: na voz, na composição, na emoção a ser transmitida nas músicas e na edição;

- Estude. Saiba mais sobre a música, aumente seu repertório e conheça mais sobre o estilo musical escolhido; Desperte emoções. Entenda o que acontece na vida das pessoas daquele estilo para despertar sentimentos em quem escuta;

- Zouk Brasileiro: Se quer produzir/ cantar músicas para pessoas que dançam Zouk, estude sua história e entenda como os zoukeiros se comportam e se sentem para criar uma identificação com o público ouvinte.

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS

Baile do Zouk Lovers, 2023



CRÉDITO: LÉO SILVA

Registro da dança: profissões que dão vida aos eventos

A realidade de designers, fotógrafos e *filmmakers* que elevam a experiência e eternizam momentos na dança de salão

Por trás de toda a expressão artística e cultural, há uma série de profissionais que trabalham para criar uma experiência memorável para quem dança. Em um congresso, por exemplo, há destaque para os professores e *DJs*, mas o designer, fotógrafo e *filmmaker* também são responsáveis pelo sucesso de um evento. Há também massagistas e/ou fisioterapeutas contratados em eventos para tratar dores e lesões dos congressistas, ao mesmo tempo em que esse serviço profissionaliza ainda mais e se torna um diferencial do evento. Cada profissional se conecta com a sua arte e se dedica a registrar e promover a dança a partir de seus conhecimentos.

Há quem trabalhe exclusivamente para a dança de salão e aqueles que o fazem esporadicamente. Enquanto alguns caíram no ambiente dançante de forma aleatória, quem já era do meio enxergou na dança uma oportunidade de juntar trabalho e *hobby*. Por envolver áreas e profissionais distintos, a dança de salão movimenta o mercado e gera empregos:

- **Estilista/Designer de Moda:** responsável por criar o design de uma roupa ou figurino;
- **Costureira:** pessoa que dá vida ao design de figurinos;
- **Mestre de Cerimônias:** conduz e faz a mediação de apresentações e competições
- **Equipe de Apoio:** quem trabalha em alguma função específica ou geral durante um evento. Às vezes, quem trabalha como *Staff* ganha a entrada do evento ao invés de receber em dinheiro;
- ***Social Media:*** publica, interage e administra as contas do evento nas redes sociais;
- ***Designer:*** produz peças gráficas e/ou produtos voltados para a comunidade dançante;
- ***Vendedor de artigos de dança:*** vende roupas, sapatos e demais produtos para serem utilizados pelos dançarinos;
- **Massagista/Massoterapeuta/Fisioterapeuta:** normalmente contratado em congressos, o profissional faz uma avaliação e realiza massagens.



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA







CRÉDITO: BAILA MUNDO



CRÉDITO: BAILA MUNDO

Sapatos de dança no Sampa Zouk, 2023

Arte em produtos

Um designer também é, de certa forma, um artista. A partir de sua imaginação, habilidades e técnicas, conta histórias e provoca emoções ao dar vida a algum produto. No caso do designer gráfico, seu trabalho envolve produzir toda a estética visual de um evento, escola, ação ou produto. Cabe a ele criar a identidade visual, desenvolver logotipos, materiais gráficos, como artes para publicação, *flyers*, banner, etc.

Se engana quem pensa que se trata de um trabalho qualquer, ainda mais quando as pessoas não conseguem definir com clareza o que querem. No exercício da profissão, precisam entender e conhecer o meio artístico para que consigam criar uma identidade visual para um evento, deixando as informações claras em um formato interessante, para gerar interesse e contribuir nas vendas.

Paola Lima, 31 (RJ), formada em Design Gráfico e responsável pelas artes dos eventos organizados por Renata Peçanha, conta que é "dar a cara" e orientar a proposta do que se espera daquele evento. "O designer vai conseguir captar a essência do que a pessoa está querendo informar, porque, assim, arte bonita hoje em dia tá muito fácil de você conseguir, né? Mas sempre falta alguma coisa. Às vezes me mandam um *flyer* [panfleto] com as informações todas espalhadas. Só das pessoas perceberem o que não é bom, já fico um pouco mais feliz em ver que ainda há esperança, de confiarem que é importante ter um design".

O processo criativo da construção dos materiais envolve compreender o objetivo do evento, pesquisar referências, estudar tendências e combinar estilos, cores e tipografias. Paola comenta que gosta quando recebe alguma sugestão ou orientação, pois considera a criatividade um desafio constante, pois precisa estar bem para ter ideias. Outro contratempo comum ao produzir para a dança de salão é que nem sempre os profissionais têm fotografias em boa qualidade ou que mostram seus rostos. Não raro, os artistas enviam imagens de perfil ou em poses que dificultam identificar com clareza as pessoas na foto. À medida que os profissionais perceberam a importância de uma boa divulgação, começaram a desenvolver seu *Media Kit* com imagens feitas por fotógrafos.

Parte dos designers contratados não cobram nada ou estipulam um valor abaixo do mercado por conhecerem a realidade da dança de salão e também por terem sua renda apoiada em outros clientes. Em muitos casos, a organização do evento não consegue custear o trabalho de um profissional, então utiliza ferramentas e sites na internet que entregam modelos prontos, sem muitas opções de customização, para materializar os produtos que precisa.



"Só das pessoas perceberem o que não é bom, já fico um pouco mais feliz em ver que ainda há esperança, de confiarem que é importante ter um design".

Paola Lima



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Arte em movimento

Fotógrafos e *filmmakers* carregam a responsabilidade de eternizar momentos e sensações dos dançarinos. Registram coreografias, competições, aulas e festas, capturando a energia, a conexão e as expressões de quem dança. Além de documentar o talento, as imagens e os vídeos servem como lembrança, divulgação dos eventos e material para publicação nas redes sociais. Em alguns casos, fotógrafos são contratados para fazer ensaios profissionais que ajudam a construir o *Media Kit* dos artistas. Já em congressos, tanto fotógrafos quanto *filmmakers* também negociam um "combo" com o contratante. Podem ser solicitados para fazer a cobertura geral de aulas e bailes, registrar competições e apresentações e *recap* do congresso – um vídeo resumo. O maior trabalho acontece nos dias do evento, com captura das imagens, edição e publicação dos materiais. Weslley Bittencourt, 27 (RJ), filmmaker defende a ideia de que o profissional deve garantir a cobertura em tempo real com conteúdos gravados e lançados com o máximo de rapidez. Ao compartilhar os acontecimentos do congresso quase ao vivo, cria engajamento, pois satisfaz congressistas e gera vontade em quem não pode participar.



Baile do Zouk Unity, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA

A essência por trás do trabalho do *filmmaker* e do fotógrafo é mostrar – literalmente –, através da imagem como foi aquele evento. Os registros servem como uma prova social do sucesso, seja pelo número de pessoas, pelos profissionais presentes ou pelo quão divertido estava. O "burburinho" nas redes sociais pode ser usado para estimular a participação nas próximas edições. Reforça também a percepção de valor, já que o congressista enxerga o quanto a organização está investindo. As vantagens desse serviço impactam tanto no presente – enquanto está acontecendo o congresso –, quanto no futuro.

Apontar o celular ou a câmera para os dançarinos é fácil, mas nem todo vídeo consegue passar a emoção do que estava acontecendo de forma presencial. Alisson Fernandes, 38 (PI), conhecido como Indyo, comenta sobre as filmagens em que é possível imaginar ou até sentir o que os dançarinos estavam vivenciando. "O diferencial para dança é você sentir e botar aquele sentimento no vídeo. Seja com movimentação, com técnicas de gravação, com edição, não importa. Só importa botar o sentimento naquele vídeo." Conhecer o público e o tipo de evento é importante, pois é preciso cuidado e estudo para escolha de ângulos, enquadramentos, cortes, transições, créditos, trilha sonora de um vídeo recap, pois precisa transmitir a energia do evento e entusiasmar o expectador.



Baile do Zouk Unity, 2023

CRÉDITO: AGNALDO MOITA



“Fazer com que as pessoas consigam não só relembrar, mas trazer aquela sensação do que a pessoa viveu ou que a pessoa não viveu. Estar ali assistindo o vídeo e conseguir sentir a emoção do que foi aquilo”

é o que mais fascina Weslley na profissão. Contudo, pelo comprometimento com a instantaneidade, quem desempenha esse trabalho quase não descansa durante os eventos, pois são os últimos a sair e os primeiros a chegar. Esses profissionais precisam de olhar aguçado e técnica para congelar ou acompanhar momentos enquanto as pessoas estão em constante movimento em um ambiente com pouca luminosidade. Logo, além de dominar a fotografia, precisam investir em bons equipamentos.

O maior desafio enfrentado por todas as profissões vinculadas à dança de salão está na valorização dos profissionais e na percepção da importância de seus trabalhos. A dança não possui grandes investimentos financeiros, fazendo com que profissionais do audiovisual também não sejam remunerados à altura. Apesar disso, muitos profissionais resistem e dedicam-se por amor à dança de salão. Contribuem, principalmente, para o sucesso de eventos ao materializar a arte em produtos e ao criar e documentar memórias.

Dicas referentes ao design e a fotografia

Fotografia e filmagem

- Domine a câmera que está usando, estude suas configurações de resolução, de luminosidade, de enquadramento e de foco;

- Busque um lugar iluminado quando for filmar alguém. Evite a contraluz, a não ser que essa seja a intenção. Em bailes, nem sempre é possível, mas se houver algum lugar com mais luz, proponha que a dança aconteça lá, para garantir a qualidade da filmagem;

- Garanta um bom enquadramento. Mantenha uma distância equilibrada, de modo que a pessoa apareça por inteiro sem cortar nenhuma parte do corpo e também o espaço em volta;

- Tente estabilizar o celular ou a câmera. Há tripés e suportes especiais para isso. Na falta deles, ficar com os braços e cotovelos próximos ao corpo ajudam a gerar estabilidade.

- Experimente se deslocar durante a dança, pois isso ajuda a dar dinamismo ao momento. Durante o deslocamento, andar devagar e com os pés bem rentes ao chão ajuda a estabilizar;

- Procure não apenas filmar, mas vivenciar aquele momento para compreender o sentimento envolvido no que está sendo gravado.

Design

- Se possível, contrate um profissional para criar produtos e materiais;

- Ao solicitar demandas para um designer, faça sugestões ou deixe claro seu objetivo para aquele material;

- Aos artistas, faça fotografias em boa qualidade, com câmeras de alta resolução, mostrando seu rosto. Se puder, faça as fotos em fundo branco ou preto e tenha um *Media Kit*.

FONTE: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS



Baile do Zouk Lovers, 2023

CRÉDITO: LÉO SILVA

Escolas de dança: da gestão ao movimento da cena local

Saiba como funciona a estrutura e quais são as responsabilidades de administrar uma escola de dança

Salas com espelhos cobrindo toda a parede. No canto, a caixa de som destoa do piso de madeira – superfície lisa e deslizante –, que preenche todo o espaço. Uma mistura entre o cheiro do ar condicionado e o suor das pessoas. O assoalho recebe diferentes corpos, idades e níveis de habilidade. Paredes ecoam músicas e testemunham danças. A sala de dança é um lugar capaz de abraçar desejos, medos e inseguranças. Assim a escola torna-se um espaço seguro para descobrir-se e dar o melhor de si.

dance seus sentimentos





Escolas de dança são ambientes que buscam fomentar a saúde, promover o amor pela dança e pela arte, ensinar tanto a técnica quanto o improviso e preparar o aluno para espetáculos e competições. Servem também como alternativa para aqueles que buscam praticar uma atividade física, mas não gostam de musculação. Inclusive, há muitas academias que oferecem tanto a musculação quanto o ambiente dançante, seja para danças solo ou em par.

A ausência de instituições com dados precisos sobre as escolas de dança impossibilita saber o quanto elas movimentam o mercado. Mas, sua principal fonte de renda são aulas e eventos. Empregam professores, monitores, recepcionistas e pessoas envolvidas na realização de bailes, congressos e apresentações. As escolas dão oportunidade para bolsistas fazer aulas com alguma condição – não pagar ou ter valor reduzido na mensalidade, por exemplo. Aos profissionais contratados, o pagamento pode operar em acordos variados: celetista por hora/aula, participação nos lucros, proporcional ao número de alunos matriculados e outros meios. Em geral, não há um salário fixo, com o valor variando de mês a mês sazonalmente.

Na falta de um número exato de escolas de dança do Brasil, elas tem um propósito comum: movimentar o ambiente dançante para se manterem vivas e lucrativas. Para garantir que isso aconteça, é preciso criar um local acolhedor, algo que exige trabalho para além das dependências físicas. Os responsáveis por escolas de dança têm uma série de tarefas a cumprir, como por exemplo:

- Realizar atividades administrativas e financeiras;
- Captar e fidelizar alunos;
- Abrir/fechar turmas;
- Organizar grade de horários;
- Gerir funcionários, professores, bolsistas e alunos;
- Fazer a manutenção do espaço;
- Planejar, organizar e divulgar bailes e eventos;
- Planejar e realizar espetáculos;
- Ensaiar para apresentações e competições;
- Participar ativamente da cena de dança local.



Uma das principais adversidades é a fidelização dos alunos. Como a dança é vista como lazer, se torna o primeiro gasto a ser cortado frente a dificuldades financeiras, falta de tempo e/ou a mudança de prioridades. Além do relacionamento com os clientes, outra questão é a incompatibilidade de personalidade entre os profissionais que trabalham na escola, pois é preciso gerir pessoas com diferentes expectativas e pontos de vista.

Envolver-se com a cena local vai muito além de promover práticas para os alunos se desenvolverem, buscam trazer os alunos para a comunidade. É preciso promover eventos, pois por exemplo, a comunidade zoukeira depende da realização de bailes para crescer. Já o Forró é um estilo mais popular e é mais facilmente encontrado em diferentes cantos do país. "O baile, de modo geral, é para a comunidade fortalecer. Principalmente o pessoal da dança de salão tem a necessidade de fazer aula para dançar em algum lugar, então a gente precisa ter um local para eles dançarem", certifica Andressa Lobato, 30 (RS), sócia da *Dance Ímpar* em Florianópolis.

"O baile, de modo geral, é para a comunidade fortalecer. Principalmente o pessoal da dança de salão tem a necessidade de fazer aula para dançar em algum lugar, então a gente precisa ter um local para eles dançarem".

Andressa Lobato





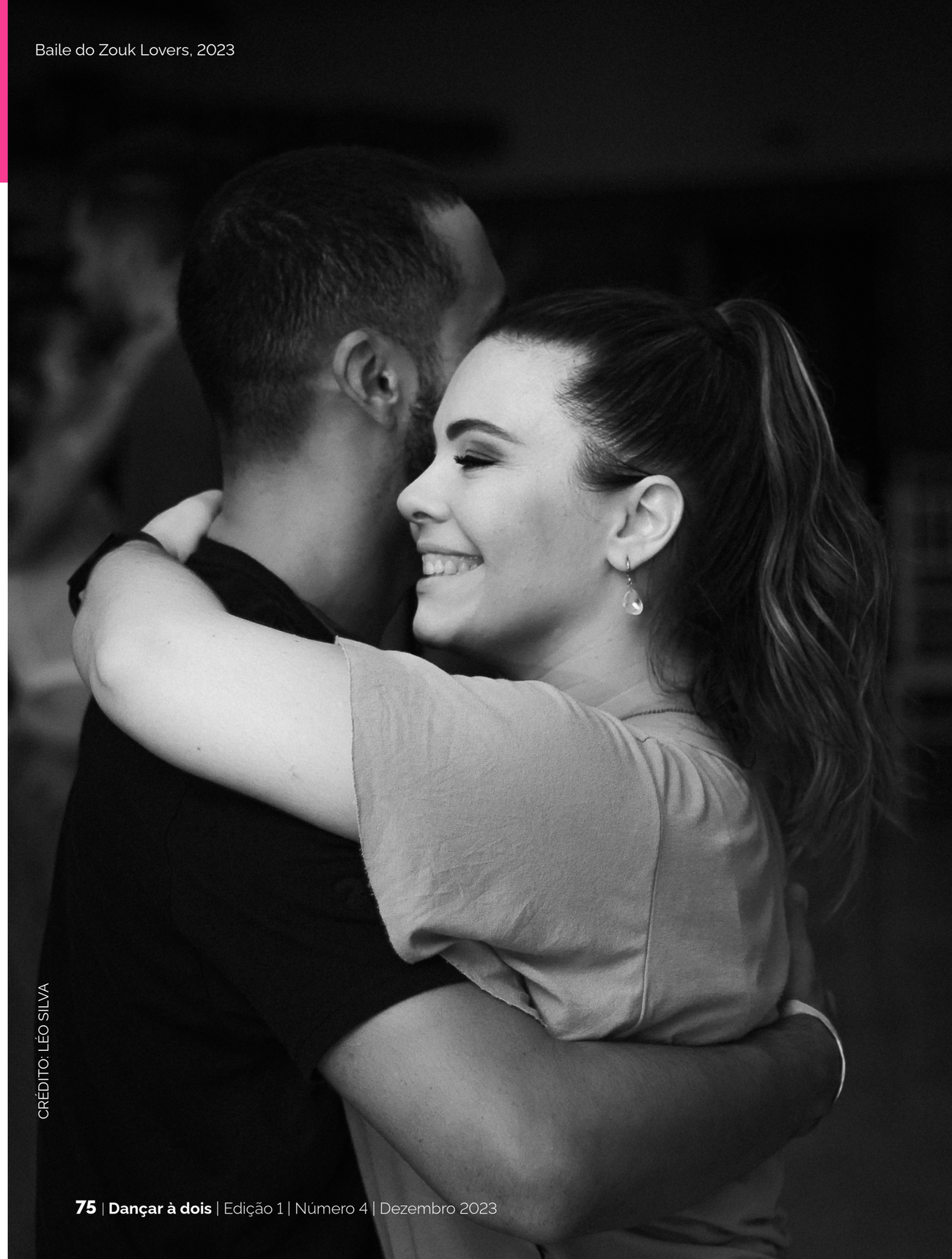
Plano de carreira e remuneração

Algumas escolas têm um sistema de hierarquia dentro de um plano de carreira, em que a pessoa sobe de nível até se tornar professor. Cada escola define os títulos e papéis de cada função que escolhem, como bolsista, monitor, assistente, etc. Bolsistas podem ser selecionados por meio de audição, testes de técnica e habilidade ou por critérios socioeconômicos, disponibilidade de tempo e não exigem, necessariamente, experiência com dança. Fica a critério de cada espaço.

Eliza Moritz, 42 (SC), sócia do *Casarão da Dança*, em Florianópolis, garante que o principal combinado com seus bolsistas é a disponibilidade de tempo para estar na escola. "Já vi muitas relações com bolsistas que achava errada, porque via como relações trabalhistas [contratadas formalmente]", comenta. Muitos ambientes enxergam o bolsista como o "faz tudo" e exigem compromissos como se fossem um trabalho formal.

Há escolas que definem mais de um nível dentro de uma mesma categoria – por exemplo assistente I e II. Em geral, a escala é: bolsista - assistente - professor, mas não é uma regra. O critério para avançar no nível varia conforme as regras da escola, o tempo de dança e o nível de habilidade também podem influenciar no processo.

Baile do Zouk Lovers, 2023



CRÉDITO: LÉO SILVA

"Com o seu melhor toque, respire para dançar o agora".

Luan e Adriana